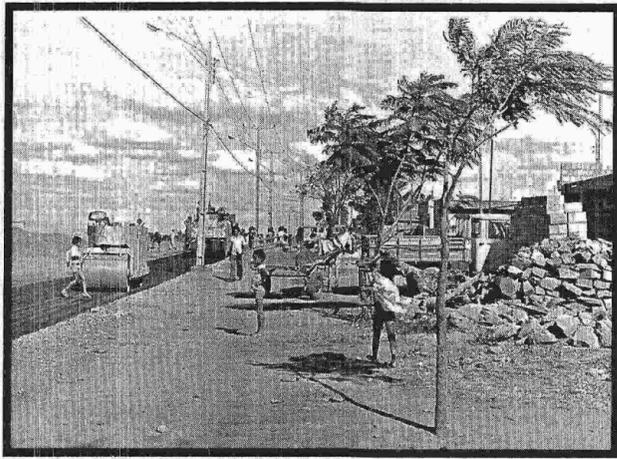


# DAS DESILUSÕES À ESPERANÇA

No começo de Ceilândia nem ruas havia e quem comandava o caos era uma mulher de 25 anos



A pavimentação veio aos poucos para aplacar a poeira que afogava a cidade



Panelões de comida eram doados para alimentar os primeiros ceilandenses



A chuva fazia lama de toda terra e os ônibus não tinham hora de chegar

Samanta Sallum  
de equipe do Correio

Uma cidade que surgiu de um amontoado de tábuas. Em meio a um cerrado de árvores mirradas e retorcidas que nem sombra ofereciam para servir de refúgio contra o sol escaldante. Um lugar que não tinha nada de acolhedor. Erosões, falta de água potável, cobras venenosas, muita poeira e miséria. Mas foi ali mesmo, a 31 quilômetros do Congresso Nacional, que Ceilândia se ergueu enfrentando todas as adversidades.

No início, foi taxada como a maior favela do mundo. Hoje a coisa é diferente. É uma cidade que completa 27 anos, com muito do que tem direito. Escolas, praças, hospitais e árvores robustas plantadas pelos pioneiros.

O começo foi muito duro. Em 1971 milhares de pessoas, que moravam em favelas do Plano Piloto, começaram a ser removidas para a "cidade prometida". Mas que de cidade não tinha nada. Infra-estrutura não existia. Apenas caminhos de terra abertos por tratores. Não havia ruas nem vias. A confusão era tanta que os primeiros moradores não conseguiam nem guardar o ponto de referência de seus lotes. Se perdiam por mais de um dia.

Alojados em barracos precários e até mesmo em tendas no meio do matagal, famílias dividiam o mesmo espaço com cobras venenosas comuns no local. A marginalidade também já estava presente no nascimento de Ceilândia. Muita gente ficou sem cozinhar porque os botijões de gás eram roubados de seus barracos.

Em meio a todo esse cenário, que lembrava o velho oeste americano, foi dada a uma aparentemente frágil assistente social, de 25 anos, a missão de coordenar o nascimento de uma nova cidade. Nada melhor que uma mulher para humanizar aquele início tão duro e sofrido. Para algumas pessoas, isso seria um castigo.

Mas para Maria de Lourdes Abadia foi um presente. Um desafio que lhe rendeu muitos frutos.

Foram 14 anos no comando da cidade que muitas vezes foi rude com ela. Enfrentou homens que não aceitavam sua autoridade, mas também ganhou a simpatia das mães humildes que a ela recorriam para tudo. "Alguns homens ficavam irritados comigo. Diziam que cidade onde manda mulher não tem macho. Mas aos poucos fui ganhando o respeito de todos", lembra.

## A MENINA DO SOCIAL

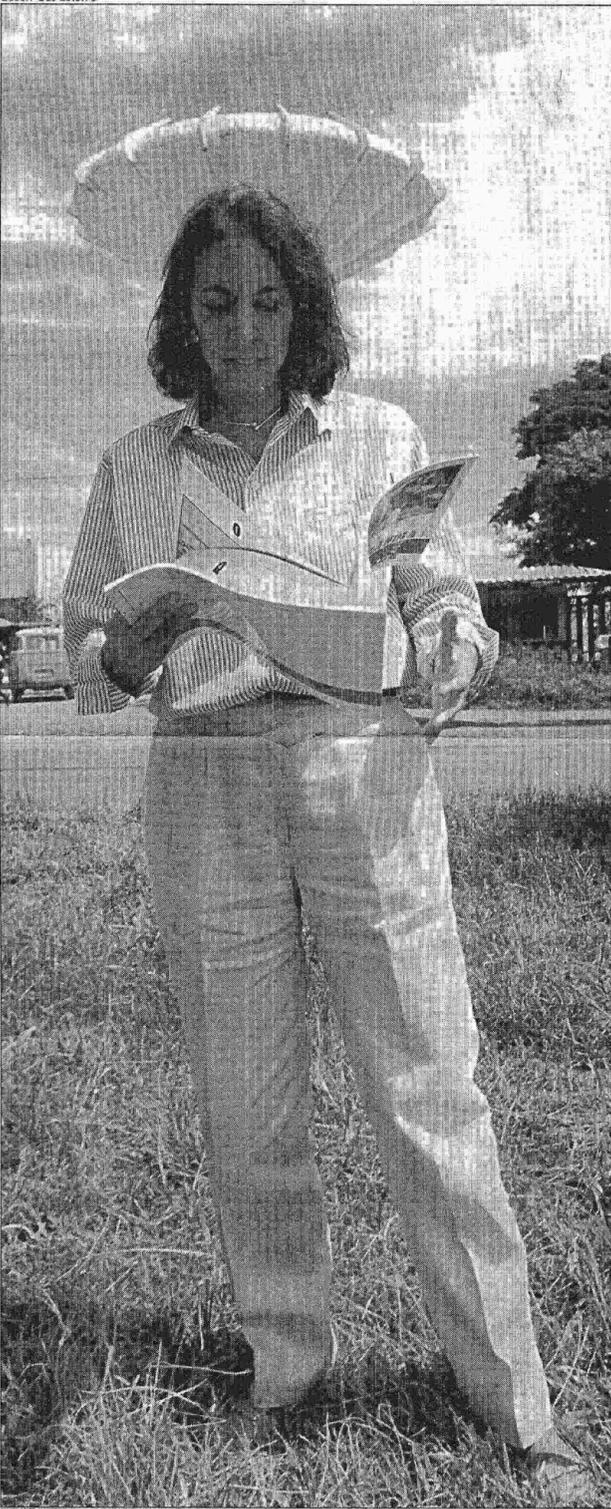
Maria de Lourdes ficou logo conhecida como 'a menina do social'. "Quando se é jovem não se tem medo de nada. Eu via cenas de violência, esbarrava com bêbados, tinha de separar briga de marido e mulher e mesmo assim não me intimidei. Me orgulhava de estar participando da construção de uma nova cidade", conta.

A assistente social estava lá, no meio do nada, esperando a chegada das primeiras 50 famílias no dia 27 de março de 1971. Sentada num barracão que tinha como proteção apenas uma lona. Foi a primeira sede da administração local, que era chamada de escritório da casa própria. Hoje o ponto histórico é um terreno baldio na QNM 29, módulo D, Área Especial. Era ali que os recém-chegados faziam sua primeira parada para receber os lotes.

Até 1972, o movimento era constante. Famílias e mais famílias chegavam em caminhões da Novacap vindas principalmente das favelas da vila do Iapi, Morro do Urubu e Vila Tenório. Todas próximas ao Núcleo Bandeirante. Na época, com apenas 11 anos de existência, Brasília abrigava uma população de 80 mil favelados espalhados nessas e em outras invasões. Pessoas que tinham a ajudado na construção da nova capital federal, mas que acabaram sendo excluídos do Plano Piloto sem moradia.

Essa situação levou o Governo do Distrito Federal a criar uma Comis-

Edson Gás 23.3.98



A badia, que comandou a cidade no nascedouro, volta ao ponto de partida

são de Erradicação de Invasões (CEI). Dessa sigla originou-se o nome Ceilândia. A comissão avaliou que a melhor solução seria criar uma cidade para abrigar toda aquela gente humilde. E assim o sonho da casa própria começou para milhares de pessoas.

O governo ofereceu transporte para promover a remoção e o material de construção era vendido por preço simbólico. Enfermeiros, técnicos, topógrafos, carpinteiros e assistentes sociais auxiliavam a chegada das famílias à cidade, que em 1972 já tinha 80 mil habitantes. Hoje tem 343 mil. "Era uma loucura. Nosso planejamento era atender 50 famílias por dia, mas chegamos a receber 150", lembra Maria de Lourdes Abadia. A cidade, construída em forma de barril, tinha quatro setores — Norte, Sul, Oeste e Guariroba, esta última só foi ocupada seis anos mais tarde.

Abadia lembra bem do marco da cidade. O primeiro piquete de demarcação topográfica situava-se nas imediações da atual caixa d'água. Hoje o local é ocupado por uma agência da Caixa Econômica Federal ao longo da Avenida Hélio Prates.

Aos poucos a cidade foi ganhando infra-estrutura. Calçadas e meio-fios foram sendo construídos junto com escolas e postos de saúde. Tudo foi chegando devagar, mas espera foi muita sofrida. As encurradas não tinham dó da população. Violentamente provocavam erosões e destruíam as redes de águas pluviais no fundo da terra ainda em construção. A falta de saneamento básico e as chuvas contribuíam para o alastramento de doenças.

A caixa d'água, desenhada por Oscar Niemeyer, que se transformou em símbolo da cidade, foi construída apenas em 1975. O que diminuiu a precariedade do abastecimento que era garantido graças a caminhões-pipas. Mas apenas de oito em oito dias eles visitavam as ruas para encher os tambores sujos de onde a população retirava a água. Filas imensas se formavam.

## FLAMBOYANTS E ACÁSSIAS

Muita coisa mudou nesses 27 anos e ninguém melhor que Maria de Lourdes Abadia, 52 anos, para perceber isso. Ela acompanhou a construção do primeiro barraco em Ceilândia e permaneceu no comando da administração da cidade por 14 anos. Tenho ciúmes de mãe dessa cidade. Não gosto que falem mal dela na minha frente", ressalta ela.

Quando anda pelas ruas da cidade sai apontando as árvores que ajudou a plantar. Flamboyants, quaresmeiras, sibipirunas e acássias amarelas. As mudas foram doadas na época pelo velho Saburo Onoyama, biólogo que foi pioneiro de Brasília. "Tentamos tornar a paisagem de Ceilândia mais bonita e dócil. Foi uma preocupação nossa na época." Ela também se surpreende com as novas casas e a expansão do comér-

cio que invadiu várias ruas.

Hoje, Abadia veste calça e sapatos sociais. É uma liderança política respeitada em Brasília graças aos anos em que administrou Ceilândia e onde foi impulsionada para o Congresso Nacional. Abadia foi deputada constituinte. Mas há 27 anos, era a calça jeans e botas que faziam parte do vestuário diário. Começou como coordenadora de oito assistentes sociais que tinham a responsabilidade de dar apoio àquela população que se instalava em Ceilândia.

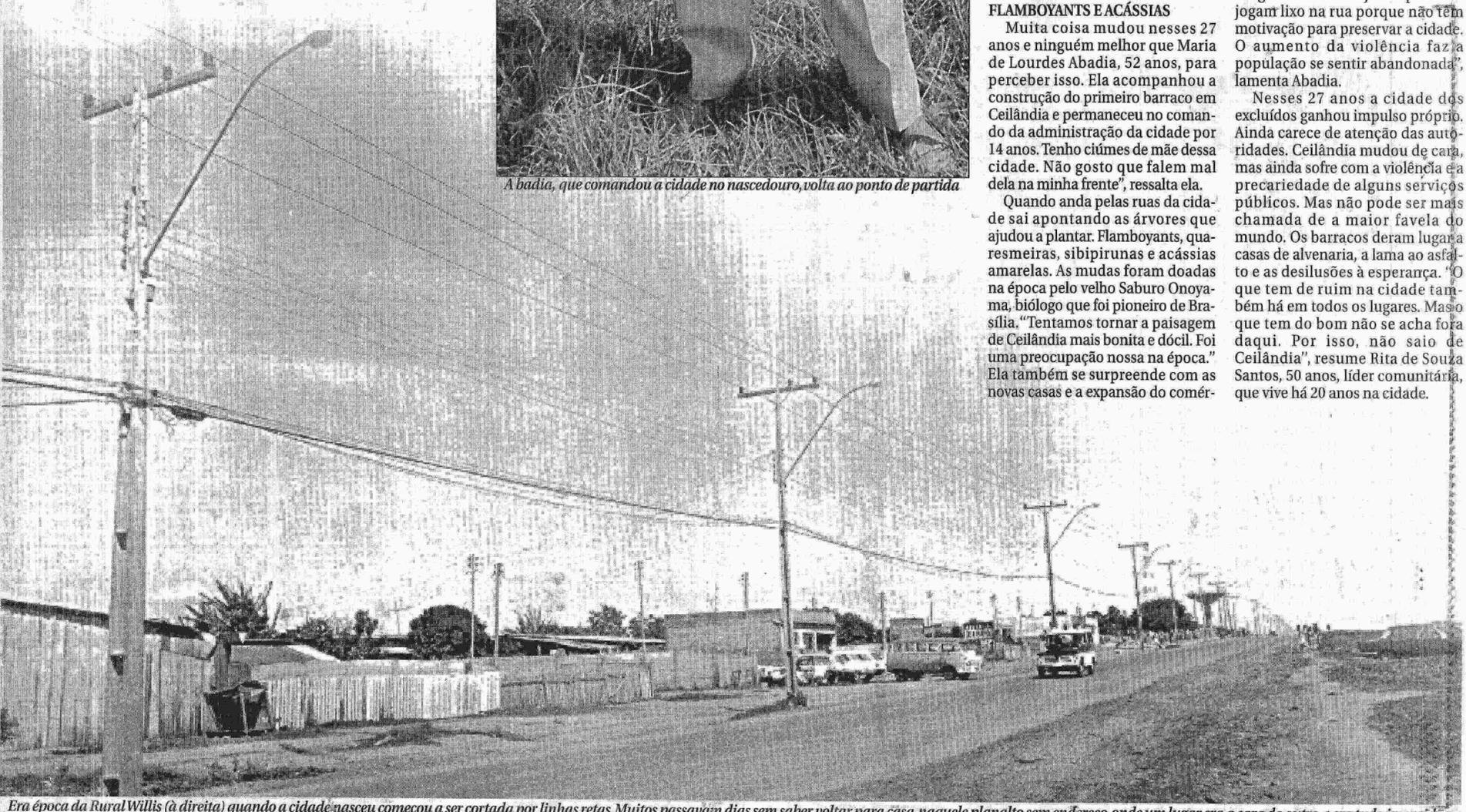
Até 1975, a cidade era administrada por Taguatinga. Até que nesse ano obteve independência. Ganhou sua própria administração regional. E a nomeada para o cargo foi a já conhecida 'menina do social', Maria de Lourdes Abadia. Ela só foi deixar Ceilândia em 1985, quando assumiu a presidência da Fundação de Serviço Social do GDF.

Em 1973, foi inaugurado o Centro de Desenvolvimento Social (CDS) da cidade, que se torna o quartel general da Ceilândia ainda ligada a Taguatinga. Dois anos depois, com a separação, a assistente social assumiu a administração numa sede precária, na QNM 4/6, que hoje é ocupada por oficinas mecânicas. Ao voltar à cidade, ela faz questão de passar nesses dois locais para mostrar o que se pode definir como pontos históricos da cidade.

No CDS, ela se depara com as roseiras robustas e floridas que foram plantadas no ano da inauguração no canteiro interno. Continuam lá, cheias de vida. No centro, Abadia permanecia mais de 14 horas por dia. "Eu praticamente morava aqui. Tínhamos de acordar e dormir com a cidade", lembra, nostálgica.

Entre as coisas que entristecem Abadia está o crescimento da violência na cidade e o abandono de praças, como a do Forró, também em Ceilândia Norte. A praça reunia milhares de pessoas nas festas de aniversário da cidade. Hoje mão e lixo tomam conta do lugar. "Ceilândia perdeu a auto-estima, a noção de comunidade. Precisamos resgatar isso. Hoje as pessoas jogam lixo na rua porque não têm motivação para preservar a cidade. O aumento da violência faz a população se sentir abandonada", lamenta Abadia.

Nesses 27 anos a cidade dos excluídos ganhou impulso próprio. Ainda carece de atenção das autoridades. Ceilândia mudou de cara, mas ainda sofre com a violência e a precariedade de alguns serviços públicos. Mas não pode ser mais chamada de a maior favela do mundo. Os barracos deram lugar a casas de alvenaria, a lama ao asfalto e as desilusões à esperança. "O que tem de ruim na cidade também há em todos os lugares. Mas o que tem de bom não se acha fora daqui. Por isso, não saio de Ceilândia", resume Rita de Souza Santos, 50 anos, líder comunitária, que vive há 20 anos na cidade.



Era época da Rural Willis (à direita) quando a cidade nasceu começou a ser cortada por linhas retas. Muitos passavam dias sem saber voltar para casa, naquele planalto sem endereço, onde um lugar era a cara do outro e era tudo imensidão